

**IMPASSES E DESAFIOS NA CONDUÇÃO DE PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS  
SOBRE DISTANCIAMENTO SOCIAL, ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E  
SAÚDE MENTAL EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS NORDESTINAS**

***IMPASSES AND CHALLENGES IN CONDUCTING PHENOMENOLOGICAL  
RESEARCH ON SOCIAL DISTANCE, EMERGENCY REMOTE EDUCATION AND  
MENTAL HEALTH IN NORTHEASTERN PUBLIC UNIVERSITIES***

***IMPASSES Y DESAFÍOS EN LA REALIZACIÓN DE INVESTIGACIONES  
FENOMENOLÓGICAS SOBRE DISTANCIA SOCIAL, EDUCACIÓN A DISTANCIA  
DE EMERGENCIA Y SALUD MENTAL EN UNIVERSIDADES PÚBLICAS DEL  
NORESTE***

*Shirley Macêdo*

shirley.macedo@univasf.edu.br

Professora Associada da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)  
Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco.

*José Luís Amorim*

luispsiunivasf@gmail.com

Graduando em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Bolsista de  
Iniciação Científica do Programa CNPq/UNIVASF.

*Melina Pinheiro Gomes de Souza*

melinasouza@gmail.com

Graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Bolsista de  
Iniciação Científica do Programa CNPq/UNIVASF.

## RESUMO

A crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19 e o consequente distanciamento social levaram ao fechamento de universidades públicas, estratégia adotada para impedir a transmissibilidade do vírus. Para garantir a continuidade dos períodos letivos, essas instituições implantaram o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que invadiu o cotidiano da comunidade universitária, onde docentes e discentes tiveram que se adaptar aos novos processos de ensino-aprendizagem, enfrentando mais agravos à sua saúde mental. Buscando compreender experiências desses sujeitos diante do distanciamento social e do ERE em universidades públicas do Nordeste brasileiro, uma equipe de pesquisa composta por uma docente e bolsistas de iniciação científica vem conduzindo estudos fenomenológicos desde 2020. Portanto, no presente relato de experiência, buscaram-se narrar impasses e desafios enfrentados na condução desses estudos, visando ser fonte de educação, ensino e capacitação para pesquisadores fenomenológicos. Dessa forma, situando a experiência como fenômeno científico em um tempo, espaço e lugar, valoriza-se a descrição, interpretação e compreensão intersubjetiva desse fenômeno, tendo-se a oportunidade de relacionar conhecimentos teóricos sobre as temáticas investigadas e o método utilizado. Assim, descrevem-se impasses e desafios que reverberaram no fazer ético, no tempo de condução das pesquisas e na saúde mental dos membros da equipe, quais sejam: entraves frente às exigências de comitê de ética; dificuldades para alcançar o número de sujeitos pretendidos; desafios no uso da entrevista remota; conflitos quanto ao papel de pesquisador fenomenológico; efetivação dos passos de análise; e sentidos vividos semelhantes aos(às) colaboradores(as) durante o distanciamento social e o ERE. Conclui-se, principalmente, que o diálogo em uma equipe de pesquisa fenomenológica, amparado por uma orientação que prime pelo cuidado à saúde mental de seus membros, é essencial para a produção de conhecimento sobre o fazer investigação fenomenológica em Psicologia, cujo cenário seja uma realidade social em crise na qual pesquisadores e sujeitos de pesquisa estão envolvidos.

**Palavras-chave:** Formação Superior. Ensino Remoto Emergencial. Pandemia. COVID-19. Pesquisa Fenomenológica.

## ABSTRACT

The health crisis caused by the COVID-19 pandemic and the consequent social distancing led to the lockdown of public universities, a strategy adopted to prevent the transmission of the virus. To ensure the continuity of academic periods, these

institutions implemented Emergency Remote Teaching (ERT), which invaded the daily life of the university community, where professors and students had to adapt to new teaching-learning processes, facing more problems to their mental health. Seeking to understand the experiences of these individuals in relation to social distancing and the ERT in public universities in the Brazilian Northeast, a research team composed of a professor and scientific initiation scholarship holders has been conducting phenomenological studies since 2020. Therefore, in the present experience report, we sought to narrate impasses and challenges faced in conducting these studies, aiming to be a source of education, teaching and training for phenomenological researchers. Positioning the experience as a scientific phenomenon in a time, space and place, the description, interpretation and intersubjective understanding of this phenomenon are valued, having the opportunity to relate theoretical knowledge on the investigated themes with the method used. Thus, impasses and challenges that reverberated in ethical practice, in the time of conducting research and in the mental health of team members are described, namely: obstacles regarding ethics committee requirements; difficulties in reaching the desired number of subjects; challenges in using remote interviewing; conflicts regarding the role of phenomenological researcher; execution of the analysis steps; and experienced senses similar to those of employees during social distancing and ERT. In conclusion, the dialogue in the phenomenological research team, supported by orientation that prioritizes the mental health care of its members, is essential for the production of knowledge about doing phenomenological research in Psychology, whose scenario is a social reality in crisis, which involves researchers and research subjects.

**Keywords:** Higher Education. Emergency Remote Teaching. Pandemic. COVID-19. Phenomenological Research.

## RESUMEN

La crisis sanitaria provocada por la pandemia de la COVID-19 y el consecuente distanciamiento social llevaron al cierre de las universidades públicas, estrategia adoptada para prevenir la transmisión del virus. Para asegurar la continuidad de los periodos académicos, estas instituciones implementaron la Enseñanza a Distancia de Emergencia (ERE), que invadió el día a día de la comunidad universitaria, donde profesores y estudiantes debieron adaptarse a los nuevos procesos de enseñanza-aprendizaje, enfrentando más problemas a su salud mental. . . Buscando comprender las experiencias de estos sujetos frente al distanciamiento social y la ERE en universidades públicas del Nordeste brasileño, un equipo de investigación compuesto por un profesor y becarios de iniciación científica viene realizando estudios fenomenológicos desde 2020. Por lo tanto, en el presente relato de experiencia,

buscamos narrar impasses y desafíos enfrentados en la realización de estos estudios, con el objetivo de ser fuente de formación, enseñanza y formación para investigadores fenomenológicos. Así, situando la experiencia como fenómeno científico en un tiempo, espacio y lugar, se valora la descripción, interpretación y comprensión intersubjetiva de ese fenómeno, teniendo la oportunidad de relacionar conocimientos teóricos sobre los temas investigados y el método utilizado. Así, se describen impasses y desafíos que repercutieron en la práctica ética, en el momento de la realización de la investigación y en la salud mental de los integrantes del equipo, a saber: obstáculos frente a las exigencias del comité de ética; dificultades para llegar al número deseado de sujetos; desafíos en el uso de entrevistas remotas; conflictos en torno al rol de investigador fenomenológico; ejecución de los pasos de análisis; y experimentó significados similares a los de los empleados durante el distanciamiento social y el ERE. Se concluye, principalmente, que el diálogo en un equipo de investigación fenomenológica, sustentado en una orientación que prioriza el cuidado de la salud mental de sus integrantes, es fundamental para la producción de conocimiento sobre el hacer investigación fenomenológica en Psicología, cuyo escenario es un social realidad en crisis en la que se ven involucrados investigadores y sujetos de investigación.

**Palabras clave:** Educación Superior. Enseñanza remota de emergencia. Pandemia. COVID-19. Investigación fenomenológica.

## INTRODUÇÃO

Desde março/2020, o mundo vem enfrentando a pandemia da *Corona Virus Disease 19* (COVID-19), que constitui uma grave crise sanitária e tem significativos impactos em diversos setores da vida humana, com destaque para instituições educativas, atingindo sobremaneira a saúde mental da população (BEZERRA, A. *et al.*, 2020; FARO *et al.*, 2020; MEDEIROS, 2020; MENDIOLA *et al.*, 2020).

A pandemia da COVID-19 vem sendo enfrentada por medidas de prevenção à transmissibilidade da doença, a exemplo do distanciamento social, diante do qual as instituições educativas no Brasil fecharam suas portas e suspenderam o ensino presencial, adotando, por recomendação de Resoluções do Ministério da Educação (MEC), o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como forma de manter os calendários

letivos (BRANCO; NEVES, 2020; BRASIL, 2020a, 2020b, 2020c; BEZERRA, K. *et al.*, 2020; GOMES *et al.*, 2020; GUSSO *et al.*, 2020; MALLOY-DINIZ *et al.*, 2020).

O distanciamento social impactou nas interações sociais das pessoas, prejudicando seus sentimentos de pertença aos grupos que as auxiliavam em momentos de crise, além de ter favorecido distúrbios do sono, ansiedade, medo, irritabilidade, mudanças no apetite, consumo de álcool e outras drogas (MORAES, 2020). Diante dessas questões, Faro *et al.* (2020) destacaram aqueles sujeitos de maior nível educacional como mais vulneráveis ao estresse, à ansiedade, à depressão, às fobias específicas, à evitação, ao comportamento compulsivo, aos sintomas físicos e prejuízos no funcionamento social. Tudo isso representa agravo à saúde mental daqueles que compõem a comunidade acadêmica universitária, profundamente afetada pela nova modalidade do ERE (MACÊDO; AMORIM; SOUZA, 2021).

Frente a tal modalidade de ensino, as Instituições de Ensino Superior (IES), mesmo já adaptadas ao Ensino à Distância (EaD) e a determinadas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), passaram a lidar com cotidianos atípicos em processos de ensino-aprendizagem, tendo que ofertar capacitações sobre plataformas, ferramentas de ensino e metodologias ativas de avaliação para docentes lecionarem online, atentas à necessidade dos discentes continuarem vinculados aos seus cursos e às suas vidas acadêmicas, pois ensinar-aprender remotamente não é o mesmo processo que existe no EaD (BRONZONI *et al.*, 2020; GUSSO *et al.*, 2020; BRANCO; NEVES, 2020).

Nesse cenário novo e complexo, nem todo universitário tem acesso de qualidade ao ERE, enfrentando dificuldades para desenvolverem competências prescritas em uma educação superior e/ou nos seus projetos pedagógicos de cursos. Especificamente, vários discentes de instituições públicas brasileiras não possuem devido acesso às TDIC's para auxiliá-los nas atividades online, não dispõem de ambiente apropriado para estudar e estão longe de seu cotidiano escolar, passando a ficar ainda mais vulneráveis psicologicamente diante dessas condições precarizadas

de formação superior, o que evidencia a fragilidade dos sistemas educacional e de saúde pública no Brasil, (AVELINO; MENDES, 2020; BARRETO; ROCHA, 2020; BRONZONI *et al.*, 2020; RODRIGUES; PEREZ; BRUN, 2020; SILVA; CABRAL; SOUZA, 2020; SOUZA; MIRANDA, 2020).

Por sua vez, os docentes passaram a enfrentar desafios inéditos frente às novas tecnologias, tendo que inovar em suas práticas, atender por diversos meios digitais às necessidades do alunato, realizar capacitações diversas e investir em *home office*, precisando, inclusive, em seu ambiente doméstico, arcar com os custos das suas próprias ferramentas de trabalho. Consequentemente, sua sobrecarga laboral se escancarou e sua saúde mental se fragilizou (BEHAR, 2020; MACÊDO, 2020; SILVA *et al.*, 2020; SOUZA; MIRANDA, 2020).

O ERE já vem se estendendo por quase dois anos em várias IES públicas brasileiras, as quais não só encurtaram os semestres letivos, como também elaboraram normas de biossegurança e protocolos de retorno gradual às atividades presenciais, buscando possibilidades de, ao menos, adotar o ensino híbrido para ajustar seus calendários letivos. No entanto, diante do surgimento de novas cepas do vírus; do aumento de casos de COVID-19; das dificuldades enfrentadas frente aos diversos calendários municipais de vacinação e/ou ideologias políticas e públicas frente à importância científica da vacina contra a doença; assim como do corte orçamentário pelo qual passam, principalmente, as universidades federais, muitas instituições tiveram que retroceder em seus processos de retorno, necessitando, ainda, do ERE como forma de prosseguir com a formação de seus discentes.

Segundo Cavalcanti e Guerra (2022), para as universidades federais brasileiras, mesmo possuindo Planos de Desenvolvimento Institucional,

não foi detectada a existência de um plano de contingência que fosse capaz de lidar com a crise causada pela pandemia, nem nas Universidades Federais, nem no Ministério da Educação (MEC), que, até o momento, sequer dispõe de um Gabinete de Gestão da Crise causada pela Covid-19, que possa

orientar as universidades públicas, por meio de procedimentos e de rotinas padronizadas (CAVALCANTI; GUERRA, 2022, p. 74).

Apesar de terem respeitado diversas portarias instituídas pelo MEC no que concerne à suspensão de aulas presenciais, aos diversos contextos onde o ERE e/ou o ensino híbrido poderiam ser empregados, assim como aos procedimentos a serem adotados em cursos com práticas de laboratórios, disciplinas práticas e estágios, a prorrogação paulatina de prazos diante da pandemia constituiu mais um desafio a ser enfrentado por essas instituições para garantir o acesso e a permanência dos discentes. Junte-se a isso a crise orçamentária pela qual já vinham passando para dar continuidade a atividades de ensino, pesquisa e extensão (DOURADO, 2019), tudo compromete o acesso universal ao ensino de qualidade e o papel social de suas ações, principalmente daquelas situadas em regiões com baixos índices de acesso à internet e nas quais a vulnerabilidade social dos alunos é mais proeminente (CAVALCANTI; GUERRA, 2022).

Quase um milhão de estudantes matriculados nas universidades federais ficaram com suas atividades acadêmicas paralisadas no início da pandemia. Especificamente no Nordeste do Brasil, 31% das instituições federais suspenderam suas atividades. Aos poucos, contudo, com esforço de seus servidores agora atuando em *home office*, da parceria firmada entre alunos e docentes, do empenho de todos em programas de capacitação, principalmente para lidar com TDICs e metodologias ativas de avaliação, foram retornando e dando continuidade às suas atividades. Cavalcanti e Guerra (2022) salientam que apenas em maio de 2021 o MEC criou um Protocolo de Biossegurança para retorno às atividades nas instituições federais de ensino, com recomendações que demandam a aquisição de insumos diversos, algo complexo diante de um corte orçamentário acumulado de 25% desde 2019, o que requer negociações para esse retorno “sob pena de descontinuidade de muitas

políticas públicas implementadas, direcionadas à ampliação da oferta de acesso e de inclusão ao Ensino Superior” (p.83).

Diante desse cenário atípico de crise, nossa equipe de pesquisa vem desenvolvendo, desde 2020, investigações fenomenológicas buscando compreender experiências de docentes e estudantes universitários durante o distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19 e durante o ERE, especificamente em universidades públicas estaduais e federais nordestinas. Os focos têm sido a descrição dos sentidos dessas experiências, os impactos delas para a saúde mental e para a vida acadêmica deles; os impasses e desafios enfrentados pelos mesmos; as estratégias de enfrentamento utilizadas por eles durante esse período e possíveis ações de cuidado que lhes foram disponibilizadas pelas instituições nas quais estudam/trabalham. Assim, o presente relato de experiência tem o objetivo de descrever impasses e desafios enfrentados pela docente pesquisadora e seus orientandos de Iniciação Científica na condução desses estudos.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O artigo ora apresentado constitui um relato de experiência, que é amparado pela Resolução Nº 510 do Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CNS/CONEP, 2016). Tem o intuito de ser fonte de educação, ensino e capacitação para atuais e/ou futuros pesquisadores fenomenológicos, sem divulgar dados científicos, mesmo que a experiência a ser descrita esteja relacionada aos projetos devidamente aprovados por Comitês de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEPs). Assim, o foco não são os resultados dos estudos, mas sim a experiência dos componentes da equipe de pesquisa ao conduzi-los.

Para Daltro e Faria (2019), um relato de experiência sobrepõe outros processos e saberes, buscando alcançar sujeitos, acontecimentos e temporalidades, demonstrando a importante utilização de competências narrativas. Pressupõe ao narrador um trabalho de concatenação e memória, invocando-lhe “competências



reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo” (p. 226). É um trabalho de linguagem, porquanto inseparável da subjetividade e de um corpo habitado pela experiência, “fonte inesgotável de sentidos e passível de análise” (p. 227). Nesse sentido, longe de um discurso pretensioso universalizante, a narrativa de um relato de experiência tem força política, pois possui a potência de permitir que um pesquisador seja o sujeito da experiência, com legitimidade para provocar, de forma competente, a emergência de problematização para a permanente produção de conhecimento científico, imbuído de saberes novos e transversais.

Contextualizada nessa perspectiva, a experiência a ser descrita teve impacto na prática de pesquisa desta equipe, composta por uma docente, doutora em psicologia clínica, e dois bolsistas estudantes do curso de graduação em Psicologia, vinculados aos Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica entre os anos 2020 e 2022 da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNVASF). Vale salientar que a orientadora tenta praticar atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão, e toda a equipe de pesquisa que trabalha com ela também participa de um projeto de extensão que está voltado à promoção de saúde mental da comunidade acadêmica, mais particularmente de universitários.

Neste relato, portanto, membros da equipe tiveram oportunidade de relacionar conhecimentos teóricos sobre as temáticas investigadas e o método utilizado (TOSTA; SILVA; SCORSOLINI-COMIN, 2016). Diante disso, buscaram narrar esta experiência como fenômeno científico situado em um tempo, em um espaço e em um lugar, valorizando a descrição, a interpretação e a compreensão intersubjetiva deste fenômeno (DALTRO; FARIA, 2019). Sem pretenderem uma verdade absoluta sobre o mesmo, os autores esperam colaborar com a produção de conhecimento sobre o fazer investigação fenomenológica em Psicologia, cujo cenário seja uma realidade social em crise na qual pesquisadores e sujeitos de pesquisa estão envolvidos.

Na construção dos dois projetos de pesquisa, os membros da equipe entraram em contato com as instituições a fim de obter cartas de anuência previamente à

submissão dos estudos aos CEPs, que os aprovou antes de serem dados inícios aos processos de divulgação/coleta. Na sequência, a equipe divulgou extensamente os estudos nas redes sociais e para as coordenações, professores/as e alunos/as das instituições envolvidas. Querendo participar, potenciais colaboradores(as) encaminharam e-mail para a equipe de pesquisa e antes de se submeterem ao estudo assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No primeiro ano da experiência a ser narrada e refletida (2020-2021), a equipe investigou a experiência de distanciamento social durante a pandemia da COVID-19 entre docentes e discentes de cursos de saúde de instituições públicas. Alcançou, em sete meses de coleta, 10 estudantes de graduação de ambos os sexos e cinco docentes mulheres. Utilizou como instrumento depoimentos escritos (GOMES, 2007; MACÊDO, 1999), sem limite de páginas e enviados por e-mail pelos(as) colaboradores(as) do estudo.

No segundo ano (2021-2022), a equipe ainda está conduzindo a pesquisa, mas em quatro meses de coleta já alcançou sete estudantes de graduação e cinco docentes de ambos os gêneros e de diversos cursos de instituições públicas de ensino superior de cidades diferentes, localizadas em estados nordestinos circunvizinhos. Neste estudo, realizado remotamente pela plataforma *Meet* ou pelo aplicativo *WhatsApp*, os(as) colaboradores(as) descrevem suas experiências no ERE, em contexto de entrevista individual aberta com pergunta disparadora (AMATUZZI, 1993), agendada, conduzida e gravada em áudio digital pelos bolsistas de Iniciação Científica.

Vale salientar que uma das instituições participantes é a própria instituição onde os membros da equipe de pesquisa estão lotados e que alguns(mas) dos(as) colaboradores(as) foram do próprio curso onde os membros da equipe de pesquisa ensinam ou estudam. Em ambos os casos, os bolsistas e a orientadora respeitaram passos de análise propostos para pesquisas fenomenológicas de tendência empírica (AMATUZZI, 2008, 2009; GIORGI; SOUZA, 2010; MACÊDO, 2015), quais sejam: a) contato integral com o todo do relato, quando cada membro da equipe de pesquisa lê

individualmente a experiência narrada quantas vezes for necessário para apreender significados da experiência; b) em diálogo na equipe de pesquisa, os membros discutem conjuntamente significados apreendidos que para eles estejam relacionados aos objetivos da pesquisa, sintetizando esses significados em linguagem psicológica; c) a equipe de pesquisa tenta sintetizar cada experiência narrada, construindo um texto de análise preliminar que é encaminhado ao(à) colaborador(a), por e-mail, para que ele/ela participe da análise, confirmando, propondo alterações ou mesmo negando a análise realizada; d) de posse das análises parciais confirmadas/reescritas por cada colaborador(a), a equipe faz generalizações para a experiência investigada, sintetizando-a em Unidades de Sentido (US) em comum, a fim de produzir a análise final dos dados.

Nesse contexto, os membros da equipe de pesquisa se reúnem semanal e remotamente, e, para além de discussões teórico-metodológicas, também compartilham pensamentos e sentimentos sobre a condução dos estudos, mantendo constantemente diálogos que deflagraram impasses e desafios que precisaram/precisam ser transpostos para que as pesquisas sejam concluídas. Esses diálogos são fontes de lições aprendidas antes, durante e depois do saber singular produzido sobre a experiência aqui narrada, e que permitem aos autores produzir conhecimento ao descreverem fatos e situações vividas na prática profissional (como atuais/futuros pesquisadores), algo proposto para relatos de experiência por autores como Laville e Dione (1999), Sabadini, Sampaio e Koller (2009), e Stake (2011), em que não se visa generalização nem comparação, mas esperam-se que reflexões suscitadas despertem interesse da comunidade científica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O primeiro desafio enfrentado nesta pesquisa foi ter que reformular termos e justificar procedimentos usados em pesquisas fenomenológicas a um dos CEPs aos quais submetemos o projeto para aprovação. Pareceristas nos exigiram adequar o

projeto de pesquisa às normas de edição científica da ABNT, reprovando a submissão do protocolo inicial, cujo projeto foi escrito respeitando as normas APA, vigentes para periódicos em Psicologia. Após nova submissão, foram exigidas, dentre outras reformulações, que: adotássemos no projeto o termo “participante” (e não “colaborador”) e justificássemos o número de sujeitos a participar, a partir do uso de termos como amostra e significância. Havíamos definido 20 docentes e 20 universitários, número que consideramos até uma quantidade grande de colaboradores para uma pesquisa qualitativa.

Algumas vezes, certas exigências de membros de CEPs extrapolam a bioética e a necessidade de proteger o sujeito da pesquisa. Pesquisas em ciências humanas e sociais resguardam suas especificidades e, mesmo após a promulgação da Resolução CNS/CONEP 510/2016, alguns pareceristas de CEPs, ainda presos a uma visão mecanicista, cartesiana e pragmática de fazer pesquisa, podem passar a avaliar projetos impondo verdadeiras burocracias que, em alguns contextos acadêmicos (especialmente os de trabalho de conclusão de cursos de graduação) têm demandado tempo na aprovação dos projetos, inclusive mobilizando estudantes e docentes a realizar revisão sistemática da literatura para dar conta de prazos institucionais.

Sem desmerecer esse tipo de produção científica, reconhecemos que no contexto atual de distanciamento social e ERE, as pesquisas de campo/aplicadas, focadas nas experiências imediatamente vividas, podem colaborar consideravelmente para se pensar em políticas públicas de prevenção e promoção da saúde de pessoas e instituições. Além disso, concordamos com Palácios *et al.* (2020) que não é possível minimizar requisitos éticos para agilizar a aprovação de uma pesquisa em um comitê de ética durante uma emergência sanitária, já que o rigor ético precisa prevalecer. No entanto, questionamos certos entraves que estão para aquém ou além da ética em pesquisa com seres humanos e constituem posicionamentos ideológicos do fazer pesquisa em ciências humanas e sociais, o que compromete o reconhecimento de investigações que possam responder a vários problemas pelos quais passa a

sociedade nesses dois últimos anos. Como tão bem argumentou Minayo (2008), há mais de dez anos atrás, existem várias inadequações dos CEP quando se trata de pesquisa qualitativa, principalmente aquelas que envolvem a intersubjetividade entre pesquisador e sujeito da pesquisa, e essa realidade parece não ter mudado ao longo dos anos.

Diante desses entraves, a primeira sensação que tivemos foi um mal estar acerca da nossa percepção de que estudos qualitativos, de cunho intersubjetivo, ainda são questionados no âmbito científico como sistematicamente inválidos. Além disso, o tempo em que nos delongamos para justificar o que já é cientificamente comprovado, afetou-nos diante dos prazos que tínhamos a cumprir para atender às exigências do Programa ao qual o projeto estava vinculado.

Nossa posição era amparada cientificamente, o que ajudou a lidar com esse estresse. Por exemplo, a expressão “colaborador” já vem sendo usada e indicada para pesquisas fenomenológicas há vários anos, em propostas de autores renomados na área (AMATUZZI, 2003; MOREIRA, 2004; ANDRADE; HOLANDA, 2010), já que os envolvidos no processo são co-partícipes. Nessa mesma linha de raciocínio, pesquisas fenomenológicas colocam foco não em amostras, mas em experiências situadas e singulares, tentando criar espaço para a singularidade na produção do conhecimento, não buscando o universal e o frequente, mas valorizando a manifestação singular de determinado fenômeno (CHIZZOTTI, 2006).

O método fenomenológico empírico é uma investigação eminentemente qualitativa clara e precisa de aspectos particulares da experiência humana. Nele, o pesquisador busca compreender experiências de determinados sujeitos em certas situações cotidianas (DECASTRO; GOMES, 2011). Não requer seleção de colaboradores através de uma amostragem probabilística com número elevado ou numericamente significativo de informantes. Visa garantir que os resultados sejam representativos das características de determinada população, que é convidada a descrever experiências vividas em determinado tempo, espaço e lugar (GIL, 2019).

Essa definição intencional da quantidade máxima de colaboradores e da possibilidade de alcançar poucas pessoas em uma pesquisa fenomenológica foi proficuamente positiva nas pesquisas desenvolvidas, pois houve/está havendo dificuldade de alcançar sujeitos nesse formato remoto de fazer pesquisa. No entanto, isso nos colocou diante de outro impasse/desafio, que nos fez questionar: considerando que diversos estudos têm apontado, como se salientou na Introdução do presente relato de experiência, que docentes e discentes universitários têm enfrentado agravo à sua saúde mental no contexto pandêmico, porque essas pessoas não estão se permitindo falar sobre suas experiências de distanciamento social e ERE nem sobre como essas experiências têm impactado sua saúde mental? Se considerarmos que uma pesquisa qualitativa pode ser uma via de publicização descritiva desses agravos (BORGES; LUZIO, 2010), até que ponto esses atores sociais querem expor suas fraquezas, diante do famigerado produtivismo acadêmico contemporâneo (MACÊDO, 2018; OLIVEIRA; PEREIRA; LIMA, 2017).

Como membros de uma equipe de pesquisa que também participa de projetos de intervenção no que diz respeito à promoção de saúde mental da comunidade universitária, percebemos o quanto essas experiências vinham causando sofrimento a discentes e docentes, mas precisávamos aguardar dados de pesquisa, para poder comunicar ao mundo científico nossos achados. Foi desafiador, portanto, não conseguir respostas aos e-mails encaminhados a muitos docentes, discentes, coordenadores, diretórios acadêmicos etc., além de perceber que no contexto das nossas pesquisas alguns(mas) interessados(as) respondiam os e-mails, mas não efetivavam suas participações, principalmente docentes.

Assim como houve demora no envio de alguns depoimentos escritos, também temos tido dificuldades em agendar horários em comum com alguns(mas) colaboradores (as) para a realização de entrevistas. Diante disso, lidamos inicialmente com a frustração de não poder denunciar, a curto prazo, com dados concretos de

pesquisa, aquilo que o contexto das nossas atividades de extensão já apontava como situações de risco e agravo à saúde mental da comunidade universitária.

Em contrapartida, apesar de não estarmos alcançando o número pretendido de colaboradores(as), de estarmos/termos concorrendo/concorrido com os calendários acadêmicos e com a sobrecarga de trabalho remoto, continuamente identificada em pesquisas com professores e estudantes universitários (NUNES, 2021; SANTOS; BARRETO, 2021), ter poucos depoimentos escritos ou entrevistas nos ajuda frente à necessidade de ter que nos delongar no tratamento descritivo das experiências investigadas (MACÊDO, 2015) sem comprometer o devido prazo de conclusão dos estudos (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008), a apresentação de resultados sistemáticos em eventos nacionais/internacionais e o encaminhamento/publicação de manuscritos em periódicos científicos. Isso favorece a comunidade acadêmica para que tenha acesso constante à produção de conhecimento sobre os temas investigados, o que é crucial, visto que a situação de crise sanitária ainda não foi ultrapassada e a população universitária, principalmente em IES públicas nordestinas, ainda está envolvida com os fenômenos de distanciamento social e ERE.

Um cuidado especial que tivemos foi não extrapolar as necessárias condições para, por exemplo, conduzir sistematicamente a aplicabilidade do instrumento de coleta. No primeiro estudo, não enfrentamos dificuldades quanto a isso, já que os depoimentos, de livre escrita pelos(as) colaboradores(as) nos chegavam por e-mail já acompanhados do TCLE. No entanto, no segundo estudo, houve alguns percalços.

Sabemos da importância de, em casos de entrevistas em pesquisa qualitativo-fenomenológica, o pesquisador criar um clima de confiabilidade com o sujeito da pesquisa. No entanto, é um desafio conduzir entrevistas remotas, pois a aproximação e o vínculo tornam-se mais complexos. Mendez, Mahler e Taquette (2021), ao enfatizarem isto, salientam que: os pesquisadores precisam dominar TDICs no uso deste instrumento; os aplicativos *Meet*, *Zoom* e *WhatsApp* podem ser de fácil acesso

àquele sujeito que tem telefone celular; fica mais operacional gravar/transcrever tais entrevistas; e as pessoas se sentem mais confortáveis em realizar entrevistas remotas frente à crise sanitária. Entretanto, os autores advertem que alguns sujeitos declinam de sua participação, outros se queixam de suas dificuldades de acesso à internet, alguns têm problema de conexão e/ou podem aparecer na entrevista com acompanhante, situações que devem ser analisadas pelo pesquisador. Entretanto, concluem que “apesar de algumas dificuldades, as entrevistas remotas são possíveis de serem executadas” (p.342).

Frente essas ideias, reconhecemos que houve dificuldades dos bolsistas de iniciação científica na condução remota das entrevistas, diante de: não compreensão adequada do TCLE pelo(a) colaborador(a); problemas de acessibilidade, tanto deles quanto dos(as) colaboradores(as); interferências externas (sons e vozes diversos); problemas de conexão; além de alguns(mas) colaboradores(as) - sejam universitários(as) ou docentes - questionarem se poderiam desligar a câmera por causa do desconforto em se expor, ou mesmo porque, desligando a câmara, a transmissão da voz seria mais efetiva.

Quanto ao TCLE, os bolsistas estavam treinados para usarem um tempo antes da entrevista para explicar todos os preceitos éticos do documento. No entanto, esse tempo passou a ser delongado, exigindo que fosse adotado o procedimento de, ao receber o e-mail do interessado em participar, já enviarmos o termo, para que a pessoa já lesse e usasse o tempo anterior à entrevista para tirar suas dúvidas e não ler totalmente o TCLE com os bolsistas, o que ocorria quando iniciamos as coletas. Neste documento, foi recomendado que o(a) colaborador(a) evitasse interveniências e garantisse um local tranquilo e sigiloso, embora sons de buzinas, carros e motos ao longe, assim como movimentos e falas de pessoas em cômodos próximos ao que ele/ela estava em entrevista eram percebidos. Isso não causou impedimento para a continuidade da coleta.



Outro impasse com o qual nos deparamos no segundo ano de pesquisa foi o prolongamento do tempo de algumas entrevistas devido às demandas de fala por parte de docentes. Durante as primeiras coletas, houve momentos em que um professor e uma professora acabaram ultrapassando o tempo previsto da entrevista (20 a 40 minutos). Eles se sentiram mobilizados para falar sobre questões que não se relacionavam aos nossos objetivos, dificultando, inclusive, a transcrição desse material, que muitas vezes vinha carregado de queixas relacionadas à vida pessoal e à instituição, pouco se referindo ao ERE.

Nesse sentido, o momento da entrevista, para esses colaboradores, foi vivido como uma oportunidade de exposição de demandas internas. Em reuniões de orientação, a docente pesquisadora da equipe percebeu o movimento dos bolsistas, que também atuam em atividades de plantão psicológico em projeto de extensão, como mais próximo a uma escuta clínica que necessariamente de uma escuta de pesquisador, que também precisa estar atento aos objetivos que pretende alcançar em seus estudos. Estávamos diante de um processo de conflito de identidade entre ser pesquisador e ser clínico em Psicologia.

Certamente que reconhecemos o valor de, em pesquisas fenomenológicas interventivas, a escuta clínica ser essencial ao fazer do psicólogo pesquisador, algo enfatizado por Macêdo, Nunes e Souza (2020), assim como compreendemos que, por explorar sentidos de experiências humanas, o fazer fenomenológico em pesquisa dá margem a que uma escuta acolhedora tenha espaço ao longo da coleta de dados, podendo se constituir em uma ação clínica (MORATO; SAMPAIO, 2019). Considerando as emergências do contexto pandêmico atual e a expressão livre sobre a experiência característica de uma entrevista fenomenológica, essa ação clínica pode permitir aos docentes e discentes a vivência da situação da pesquisa como um espaço possível para falar sobre sofrimentos invisibilizados no mundo burocrático da academia e que podem gerar, dentre outros, agravos à saúde, adoecimento psíquico e diminuição da produtividade acadêmica.

Entretanto, um bom pesquisador precisa cumprir com a tarefa de tentar alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, esforçando-se por conduzi-la nos parâmetros definidos no projeto, prevenindo o risco de não comprometer os preceitos éticos de seu estudo. Diante disso, percebendo o movimento dos bolsistas, a orientadora estabeleceu com eles diálogos pautados em reflexões sobre os motivos que estavam levando a extrapolar o tempo definido para a pesquisa, quais eram realmente os objetivos pretendidos naquele estudo, que papel eles estavam assumindo e o porquê de isso não estar ocorrendo nas entrevistas com discentes, mas apenas com docentes. Os bolsistas deram justificativas como: não poderiam interromper os docentes, ficaram inibidos para tanto e os docentes não davam espaço para intervenções, pois falavam ininterruptamente. Essas justificativas foram compreendidas por todos da equipe como sendo comportamentos assumidos por eles pelo motivo de estarem diante de alguém em sofrimento psíquico e que esse alguém era professor e eles estudantes. As reflexões conjuntas foram cruciais para que, tanto no processo de coleta quanto no de análise, a equipe de pesquisa ficasse mais vigilante e atenta aos objetivos do projeto e à assunção de papel de pesquisadores pelos bolsistas de Iniciação Científica, a fim deles não se perderem das proposições do estudo e das suas funções como pesquisadores.

Também tivemos dificuldade de comunicação quando após a análise preliminar da entrevista precisamos obter a devolutiva de alguns(mas) poucos(as) colaboradores(as). Ao encaminhar o e-mail com essa análise a cada colaborador(a), sempre ressaltamos a importância dessas devolutivas serem confirmadas, negadas ou alteradas pelo autor do relato narrado, já que para pesquisas fenomenológicas em Psicologia, “o melhor juiz é o próprio colaborador. Só ele saberá dizer se se reconhece no que o pesquisador ‘lê’ no que ele diz” (AMATUZZI, 2003: p. 22).

Essa devolutiva, embora não limite a análise final com base em US compreendidas como compartilhadas por todos(as) colaboradores(as), é essencial para que a equipe de pesquisa possa rever significados que tenham sido

compreendidos errônea ou incompletamente. Necessariamente que, aqui, o pesquisador pode enfrentar o risco do(a) colaborador(a) retirar o consentimento de sua participação, caso não concorde com a análise preliminar e/ou não se sinta confortável com a publicização da mesma, algo que aconteceu com Macêdo (2015), embora tenha ciência que seus dados serão acoplados ao conjunto total dos relatos analisados, algo prescrito no TCLE que ele/ela assinou. No entanto, a análise da experiência passa a ser mais fiel àquilo que o sujeito da pesquisa compreende sobre ela, sem margem ao enviesamento subjetivo do pesquisador. Porquanto, é necessário ser dado um prazo para essa devolutiva do pesquisado ao pesquisador, tendo em vista o período de conclusão do estudo.

Nas pesquisas fontes do presente relato de experiência, esse prazo foi de dez dias, mas, mesmo assim, alguns sujeitos não respondiam o e-mail, embora a maioria tenha respondido confirmando a análise - alguns(mas) até surpresos com a organização e resumo do que eles/elas tinham dito - e poucos propuseram mudança de um ou outro termo utilizado pela equipe de pesquisa. Considerando que não se exclui uma análise preliminar porque não houve devolutiva do autor de um relato, é preciso que o pesquisador esteja atento ao que essa análise não confirmada/negada/alterada tem em comum com as demais devolutivas, no sentido de ela ser validada como possibilidade de compreensão da experiência investigada. Deixamos registradas, contudo, nossas reflexões no sentido de que o próprio contexto remoto da pesquisa, diante da sobrecarga de atividades remotas de discentes e docentes, além da possibilidade de ter contraído COVID-19 ou de estar com algum agravo à saúde, seriam fatores a influenciar na devolutiva de um(a) colaborador(a). Até porque esses fatores também foram intervenientes na produtividade de alguns membros da equipe de pesquisa.

Estes fatores e os impasses que enfrentávamos nos mostravam como o fato de sermos professora e estudantes e, em alguns casos, da mesma instituição e curso que alguns(mas) os(as) colaboradores(as), também nos levaram ao desafio de

perlaborar com nossa função de pesquisadores compartilhando da mesma realidade social dos sujeitos da pesquisa, o que pode interferir positiva ou negativamente na compreensão dos dados.

No primeiro estudo, ouvir estudantes narrando suas experiências de distanciamento social, medo da doença, saudade das aulas presenciais e do espaço acadêmico, vontade de abandonar o curso, dificuldades financeiras resultantes de perda de incentivo acadêmico que os mobilizavam a procurar trabalho remunerado e não apenas mais estudar, conflitos domésticos com familiares e amigos, falta de expectativa de concluir seus cursos etc, foram questões extremamente mobilizadoras para os bolsistas de iniciação científica. Nessa mesma perspectiva, ouvir colegas de profissão, mulheres, relatarem suas dificuldades de conciliar atividades domésticas com atividades profissionais, dar conta de diversos papéis como mãe, esposa, dona de casa e docente/pesquisadora, foi profundamente angustiante para a docente orientadora da equipe de pesquisa. Inclusive, o fato de apenas mulheres docentes terem participado dessa pesquisa e nenhum docente homem sequer demonstrar interesse em participar, afetou a orientadora diante das questões de gênero com as quais tem que lidar: sobrecarga de trabalho, má divisão de tarefas domésticas com marido e filhos, dificuldade no manejo de tempo para priorizar a si mesma e seu lazer - questões exploradas em estudos recentes sobre como mulheres docentes pesquisadoras têm experienciado o período de distanciamento social na pandemia da COVID-19, a exemplo dos de Castro (2021), Macêdo (2020) e Oliveira (2020).

Já na segunda pesquisa, questões como as dificuldades de adaptação aos novos processos de ensino-aprendizagem requeridos pelo ERE; a sobrecarga de atividades; as dificuldades com novas metodologias de aulas e de avaliação; a falta de clareza de quando esse processo vai se encerrar; as fantasias da possibilidade de não mais retornar totalmente ao ensino presencial; as queixas quanto à carência de recursos das IES públicas nordestinas; aos professores que não conseguem se adaptar ao ERE e continuam com exigências mais pertinentes ao ensino presencial;

foram por demais impactantes para quem, como os colaboradores(as) da pesquisa, também vivenciam o dia-a-dia do ERE em suas práticas cotidianas de trabalho/estudo e estão bastante angustiados frente à possibilidade de se manter ainda algum tempo nessas condições insalubres.

Necessariamente que o treino constante que remonta aos momentos que Forghieri (1993) apontou como sendo necessários a um efetivo fazer pesquisa fenomenológica - envolvimento existencial e distanciamento reflexivo - foi algo de suma importância para enfrentarmos esses impasses e nos conduzirmos ao desafio de sabermos separar os sentidos que damos às nossas experiências de isolamento social e do ERE, e de como isso impacta na nossa saúde mental, daqueles sentidos que compreendemos serem narrados pelos(as) colaboradores(as). No entanto, reconhecendo que, em algum nível, ao compartilharmos de alguns sentidos em comum, somos convocados, o tempo todo, a nos posicionar ética e saudavelmente frente aos resultados das pesquisas com os quais nos deparamos.

Além disso, apesar dos estudos desenvolvidos terem procedimentos de análise fenomenológica inspirados em modelos de tendência empírica, os diálogos na equipe de pesquisa são inspirados na hermenêutica colaborativa, metodologia fundamentada epistemologicamente em Merleau-Ponty e Gadamer, através da qual se considera que pessoas que compartilham determinada realidade social estão encarnadas no mundo pela intercorporeidade e, ao engajarem-se em um diálogo imbuído de um jogo de perguntas e respostas, produzem intersubjetivamente novos sentidos para suas experiências (MACÊDO, 2015). Assim, a orientadora do PIBIC está sempre conduzindo diálogos com base em questionamentos sobre as análises dos depoimentos e das entrevistas, atentando para como os componentes da equipe estão sendo afetados pelos relatos, sempre incitando um movimento de produção conjunta de sentidos das nossas próprias experiências do distanciamento social e do ERE, de modo a termos mais clareza do que se passa conosco e com nossa saúde mental no contexto dessas experiências.

Entretanto, esse debruçar-se nas experiências de afetação dos dados demandou tempo até se compreender as US, interferindo, por exemplo, nas discussões teóricas semanais. Diante disso, algumas discussões teóricas essenciais foram realizadas em período de confecção de artigos ou de resumos simples e expandidos para submissão de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, favorecendo para sempre estejamos atentos a essas leituras e produções de conhecimento, já que nos ajudam na constante articulação teórico-prática que o caminhar do fazer pesquisa científica requer. Assim, o tipo de pesquisa que desenvolvemos nos dá essa flexibilidade, uma vez que, como bem argumentam Siani, Correa e Las Casas (2016), a perspectiva fenomenológica em pesquisa é flexível quanto aos procedimentos a se seguir durante a execução de um projeto, o que ameniza, inclusive, nossa ansiedade frente aos percalços, principalmente de tempo, ao conduzirmos pesquisas fenomenológicas sobre distanciamento social, ERE e saúde mental em universidades públicas nordestinas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste relato de experiência, percebemos que foi possível descrever impasses e desafios na condução de pesquisas fenomenológicas sobre distanciamento social, ERE e saúde mental em universidades públicas nordestinas. Resumidamente, podemos identificá-los como: entraves frente às exigências de CEPs; dificuldades para alcançar o número de sujeitos pretendidos; desafios no uso da entrevista remota; conflitos quanto ao papel de pesquisador fenomenológico; efetivação dos passos de análise; e sentidos vividos semelhantes aos(às) colaboradores(as).

Quanto aos impasses de pesquisadores fenomenólogos frente aos CEPs, vale a pena refletir, aqui, sobre a importância de que nesses comitês haja representatividade de pesquisadores de abordagem qualitativa ou qualitativa-fenomenológica, o que pode contribuir para avaliações mais coerentes com esse

modo de pesquisar e uma problematização dos projetos de pesquisa menos enviesada pela hegemonia do raciocínio quantitativo-positivista.

Consideramos, contudo, que todos os impasses e desafios vivenciados ao longo da experiência aqui narrada provocaram constantes movimentos de pensar e questionar, o que necessariamente incitou membros da equipe a um fazer ético em pesquisa. Mas também reverberaram no tempo de condução dos estudos e na saúde mental dos pesquisadores. Diante disso, concluímos que o diálogo em uma equipe de pesquisa fenomenológica, amparado por uma orientação que prime pelo cuidado à saúde mental de seus membros, é essencial para a produção de conhecimento sobre o fazer investigação fenomenológica em Psicologia, cujo cenário seja uma realidade social em crise na qual pesquisadores e sujeitos de pesquisa estão envolvidos.

Acreditamos que o produtivismo acadêmico tem impactado a saúde mental de pesquisadores e orientandos no contexto das universidades públicas brasileiras e que o cenário da crise pandêmica interfere sobremaneira na qualidade das produções, principalmente diante da carência de recursos e de encontros presenciais que viabilizem trocas de conhecimento e afetações. Reconhecemos, também, que é necessário que as equipes de pesquisa, principalmente aquelas que se amparam na intersubjetividade, dediquem tempo para espaços de diálogos construtivos, apoio mútuo e solidariedade, mesmo que de forma remota, tendo em vista que esses fatores podem funcionar como protetivos à saúde mental daqueles envolvidos com produção constante de conhecimento nas academias.

Assim, seriam necessárias pesquisas para se investigar essas experiências, tanto no contexto da graduação quanto da pós graduação em Psicologia, pois trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, especialização, mestrado e doutorado resguardam suas especificidades e são afetados de diferentes maneiras por exigências institucionais e prazos a serem cumpridos na conclusão dos estudos, requerendo sensibilidade dos pesquisadores para o cuidado, sem o qual a saúde mental não é promovida e a vida humana perde sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Etapas do processo terapêutico: um estudo exploratório. **Psicologia, teoria e pesquisa**, Brasília, v.9, p. 1-21, 1993.

AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: M. A. BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003, p. 17-25.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humana**. São Paulo: Alínea, 2008.

AMATUZZI, Mauro Martins. Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, v. 26, n.1, p. 93-100, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2009000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000100010&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22 mar. 2021.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-268, June 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000200013&lng=en&nrm=iso). Acesso em 12 Set. 2020.

AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. A realidade da educação brasileira a partir da covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. II/2, n.5, p. 56-62, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3759679>. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/boca/article/view/AvelinoMendes>. Acesso em 14 mar. 2021.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. COVID 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-11, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/encantar.v2.0010>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>. Acesso em 20 fev. 2021.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a--distancia/>. Acesso em 10 abr. 2021.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos; SILVA, Carlos Eduardo Menezes da; SOARES, Fernando Ramalho Gameleira; SILVA, José Alexandre Menezes da.



Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25 (Supl. 1), p. 2411-2421, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=en&nrm=iso). Acesso em 30 abr. 2021.

BEZERRA, Kelianny; COSTA, Kalidia Felipe de Lima; OLIVEIRA, Lucidio; CAROLINA, Amélia; NELSON, Isabel Cristina Amaral de Souza Rosso; CARVALHO, Francisca Patrícia Barreto de. Ensino remoto em universidades públicas estaduais: o futuro que se faz presente. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 9, p. e359997226, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7226>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7226>. Acesso em: 1 mai. 2021.

BORGES, Roselania Franciscone; LUZIO, Cristina Amélia. Pesquisa qualitativa em saúde mental: alguns apontamentos. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, pp. 14-23, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127050/ISSN0103-605X-2010-09-01-14-23.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 19 fev. 2022.

BRANCO, Juliana Cordeiro Soares; NEVES, Inajara de Sales Viana. Trabalho docente em tempos de COVID-19: EaD e Educação Remota Emergencial. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 25, n. 3, p. 19-33, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v25i3.7382>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7382>. Acesso em 17 de abr. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria N.345, de 19 de março de 2020**. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=603&pagina=1&data=19/03/2020&totalArquivos=1>. Acesso em 01 mai. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria N.544, de 16 de junho de 2020**. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em 01 mai. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil, 2021**. Disponível em: [https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em 05 mai. 2021.

BRONZONI, Fabiane Silva da Fonseca; ZUCOLOTTI, Marcele Pereira da Rosa; BOTOLUZZI, Valeria Iensen; GHISLENI, Tais Steffenello. Ensino remoto: desafios a ultrapassar em tempos de pandemia. **Disciplinarum Scientia**, v. 21, n. 2, p. 95-105,

2020. Disponível em:  
<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3450/2634>.  
Acesso em 29 abr. 2021.

CASTRO, Marcela Moraes de. Covid-19 e trabalho de mulheres-mães-pesquisadoras: impasses em “terra estrangeira”. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e36370, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36370>. Acesso em: 21 fev. 2022 .

CAVALCANTI, Lourdes Maria Rodrigues; GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira. Os desafios da universidade pública pós-pandemia da Covid-19: o caso brasileiro. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 114, p. 73-93, jan./mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002903113>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/JbyKTD99g9Pwcky5n5cyXDg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16 fev. 2022.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE/COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CNS/CONEP). **Resolução N.510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em 10 abr. 2021.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019 . Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 fev. 2022.

DECASTRO, Thiago Gomes.; GOMES, William Barbosa. Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 28, n. 2, p. 153-161, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200003>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=en&nrm=iso). Acesso em 12 Set. 2020.

DOURADO, Luiz Fernandes. Estado, educação e democracia no Brasil: retrocessos e resistências. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, e0224639, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019224639>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vsCq3LjxSXYrmZDgFWwk7tG/?lang=pt>. Acesso em 24 fev. 2022.

FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tariana de Cassia; REIS, Catielle; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, n. 37, e200074, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.146>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso). Acesso em 15 mar. 2021.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em 12 Set. 2020.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2019.

GIORGI, Amadeo; SOUZA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de século, 2010.

GOMES, William Barbosa. Distinção entre procedimentos técnico e lógico na análise fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 228-240, dez. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 fev. 2022.

GOMES, Vânia Thais Silva; RODRIGUES, Roberto Oliveira; GOMES, Raimundo Nonato Silva; GOMES, Maria Silva; VIANA, Larissa Vanessa Machado; SILVA, Felipe Santana e. A Pandemia da Covid-19: Repercussões do Ensino Remoto na Formação Médica. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, n. 4, e114, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200258>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022020000400602&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000400602&lng=en&nrm=iso). Acesso 17 Abr. 2021.

GUSSO, Hélder Lima; ARCHER, Aline Battisti; LUIZ, Fernanda Bordignon; SAHÃO, Fernanda Torres; DE LUCA, Gabriel Gomes; HENKLAIN, Marcelo Henrique Oliveira; PANOSSO, Mariana Gomide; KIENEN, Nádia; BELTRAMELLO, Otávio; GONÇALVES, Valquiria Maria. Ensino Superior em Tempos de Pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e238957, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/es.238957>. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302020000100802&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802&lng=en&nrm=iso). Acesso em 17 Abr. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Artmed/Editora UFMG, 1999.

MACÊDO, Shirley. Análise fenomenológica de depoimentos escritos: apresentando e discutindo uma possibilidade. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 1, pp. 35-44, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Q7B4MJNdBxqXDXxqXLbh6mG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 fev. 2022.

MACÊDO, Shirley. **Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2015.

MACÊDO, Shirley. Sofrimento Psíquico e Cuidado com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 8, n. 2, p. 265-277, 2018. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>. Acesso em 04 mai. 2021.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 18 abr. 2021.

MACÊDO, Shirley; AMORIM, José Luís; SOUZA, Melina Pinheiro Gomes de. Distanciamento social na pandemia da covid-19: estudo com docentes universitárias. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e39455, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc27202139455>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/39455>. Acesso em 17 jul. 2022.

MACÊDO, Shirley; NUNES, Ana Lícia Pessoa; SOUZA, Melina Pinheiro Gomes de. Hermenêutica colaborativa na pesquisa fenomenológica interventiva com universitários em sofrimento psíquico. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 1, n. 2, p. 349-372, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/33>. Acesso em 19 fev. 2022.

MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSTA, Danielle de Souza; LOUREIRO, Fabiano; MOREIRA, Lafaiete; SILVEIRA, Brenda Kelly Souza; SADI, Herika de Mesquita; APOLINÁRIO-SOUZA, Tércio; ALVIM-SOARES, António; NICOLATO, Rodrigo; PAULA, Jonas Jardim de; MIRANDA, Débora; PINHEIRO, Mayra Isabel Correia; CRUZ, Roberto Moraes; SILVA, António Geraldo. Saúde mental na pandemia de COVID -19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento. **Revista Debates in Psychiatry** - Ahead of print 2020, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Tercio\\_Apolinario-Souza2/publication/341255949](https://www.researchgate.net/profile/Tercio_Apolinario-Souza2/publication/341255949). Acesso em 20 abr. 2021.

MEDEIROS, Eduardo Alexandrino Servolo. Desafios para o enfrentamento da pandemia Covid-19 em hospitais universitários. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, e2020086. Epub 22 de abril de 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2020086>. Disponível em [https://www.scielo.br/pdf/rpp/v38/pt\\_1984-0462-rpp-38-e2020086.pdf](https://www.scielo.br/pdf/rpp/v38/pt_1984-0462-rpp-38-e2020086.pdf). Acesso em 05 mar. 2021.

MENDEZ, Gabriel de Pinna; MAHLER, Cláudio Fernando; TAQUETTE, Stella Regina. Qualitative Research in a Period of Social Detachment: The Challenge of Conducting Remote Interviews. **New Trends in Qualitative Research**, Oliveira de Azeméis, Portugal, v. 9, p. 336–343, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36367/ntqr.9.2021.336-343>. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/495>. Acesso em 21 fev. 2022.

MENDIOLA, Melchor Sánchez; HERNÁNDEZ, Ana María del Pilar Martínez; CARRASCO, Ruth Torres; SERVÍN, María de las Mercedes de Agüero; ROMO, Alan Kristián Hernández; LARA, Mario Alberto Benavides; CAZALES, Víctor Jesús Rendón; VERGARA, Carlos Alberto Jaimes. Retos educativos durante la pandemia de covid-19: una encuesta a profesores de la unam. **Revista Digital Universitária**, v. 21, n. 3, 2020. DOI: <http://doi.org/10.22201/codeic.16076079e.2020.v21n3.a12>. Disponível em: <https://www.revista.unam.mx/wp-content/uploads/a12.pdf>. Acesso em 05 mar. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Anthropological contributions for thinking and acting in the health area and its ethical dilemmas. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 13, n. 2, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/76L7G3XhPYbdNxmjrjNVHqg/?lang=en>. Acesso em 17 jun. 2022.

MORAES, Rodrigo Fracalossi de. **Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva** (Nota Técnica 27). Ipea: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>. Acesso em 15 fev. 2022.

MORATO, Henriette Tognetti Penha; SAMPAIO, Vítor Faustino. A escuta clínica como um pesquisar fenomenológico existencial: uma possibilidade no horizonte da realização da existência. **Arquivos do IPUB**, v. 1, n. 1, p. 102-115, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1a08.pdf>. Acesso em 19 fev. 2022.

MOREIRA, Virgínia O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, pp. 447-456, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WLv8n6h8GJhJG4ZbkxVv4hb/?lang=pt#:~:text=Neste%20Osentido%2C%20a%20fenomenologia%20de,tal%20como%20descreveremos%20em%20seguida>. Acesso em 24 fev. 2022.

NUNES, Renata Cristina. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1410313022, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13022>. Acesso em: 19 fev. 2022.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, V. 16, n. 1, pp. 154-166, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50448>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em 24 fev. 2022.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 609-619, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213111132>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-609.pdf>. Acesso em 04 mai. 2021.

PALÁCIOS, Marisa; COSTA, Alexandre; THOMÉ, Beatriz; SCHRAMM, Fermin Roland; BARBOZA, Heloisa Helena; BRITO, Luciana; NARCISO, Luciana; FIORI, Maria Cláudia da Silva Vater da Costa; FORTES, Pablo Dias; REGO, Sergio; SANTOS, Sônia Beatriz dos; MARINHO, Suely. **É possível minimizar os requisitos éticos para agilizar a aprovação de uma pesquisa em um Comitê de Ética em Pesquisa durante uma emergência sanitária?** Observatório Covid-19 Fiocruz, 4p. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41195/2/PossivelMinimizarRequisitoseticos.pdf>. Acesso em 16 fev. 2022.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; PEREZ, Karine Vanessa.; BRUN, Luciana Gisele. Pesquisa e Intervenção no Ensino Superior. **Trabalho (En) Cena**, v. 5, n. 1, p. 136-145, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/9153>. Acesso em 18 abr. 2021.

SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). **Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica**. Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia / Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Portal de Livros Abertos da USP, 2009. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/16/12/70-1>. Acesso em 15 fev. 2022.

SANTOS, Jaciara Oliveira Santanna; BARRETO, Andreia Cristina Freitas. A invisibilidade do trabalho docente em tempos de pandemia das políticas às práticas. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 2, n. 10, pp. 232-241, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/36693>. Acesso em 19 fev. 2022.

SIANI, Sergio Ricardo; CORREA, Dalila Alves; LAS CASAS, Alexandre Luzzi. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. **Revista de Administração Unimep**, v. 14, n. 1, p. 166-219, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2737/273745301008.pdf>. Acesso em 17 fev. 2022.

SILVA, Andrey Ferreira; ESTRELA, Fernanda Matheus; LIMA, Nayara Silva; ABREU, Carlos Tibúrcio de Araújo. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, e300216, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312020300216>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312020000200315&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000200315&lng=en&nrm=iso). Acesso em 01 mai. 2021.

SILVA, Jessiane Dayane Soares da; CABRAL, Mariana de Araújo; SOUZA, Sandra Cristina Moraes de. Transição do Ensino Presencial para o Ensino Remoto à Distância em meio ao COVID-19. **RevistAleph**, n. 35, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/43413/27808>. Acesso em 01 mai. 2021.

SOUZA, Dominique Guimarães; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim Conjuntura (BOCA)**, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/SouzaMiranda>. Acesso em 30 abr. 2021.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** Porto Alegre: Penso, 2011.

TOSTA, Luana Rodrigues de Oliveira; SILVA, Thaysa Brinck Fernandes; SCORSOLINI-COMI, Fábio. O relato de experiência profissional e sua veiculação na ciência psicológica. **Clínica & Cultura**, v. 5, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/download/6016/5994>. Acesso em 15 fev. 2022.